

Via Latina Ad Libitum

ENTREVISTA

“Que chatice”, estão sempre a comparar Olga Roriz a Pina Bausch

INÍCIO ENTREVISTA CRÓNICA & CRÍTICA OPINIÃO AGENDA HISTÓRIA COLABORA!



MARIONET ENCENA O CÁLCULO DOS PODEROSOS DA MENTE

2 DE DEZEMBRO DE 2011 VASCO BATISTA | FOTOS POR FRANCISCA MOREIRA

Sintamo-nos no século XVIII. O ano de 1712 – em que se desconstrói o “Cálculo” – assiste a um embate científico fervoroso entre Isaac Newton e Gottfried Leibniz. Ambos reclamam a descoberta do Cálculo Matemático. Mais do que uma luta de pioneiros, a peça, encenada pela [marionet](#), evidencia questões morais reprováveis, devidamente atestadas pela historiografia

Não é apenas de encenação que se trata. À entrada, a Galeria Andrade da Silva, sugere um ambiente científico, comprovado assim que se entra na Sala Carlos Ribeiro, no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra. É lá que tem lugar a peça encenada pela marionet. A relação unificadora entre a ciência e o teatro, estudada por Carl Djerassi, é cristalizada em “Cálculo”, em cena ainda hoje e amanhã, sempre às 21h30.

Na verdade, a integração do espectáculo no Museu da Ciência permitiu transpor “Cálculo” para um espaço não convencional. Para além de permitir uma temporada maior do espectáculo, a fuga a espaços como o Teatro da Cerca de São Bernardo e o Teatro Académico de Gil Vicente representa a materialização de uma parceria já firmada com o Museu da Ciência. O tradutor do texto de Djerassi e encenador da peça, Mário Montenegro, esclarece ainda que este é “o espaço que mais se adequa, com uma área maior, tanto para a zona de representação, como para o público”.

O epílogo da peça, marcado pela presença de dois dramaturgos proeminentes do século XVIII – John Vanbrugh (Filipe Eusébio) e Cibber (Gil Mac) – revela o tema central discorrido em “Cálculo”, situado no ano de 1725. A proposta de Vanbrugh surge com uma peça que demonstre um enredo da vida real, assente na corrupção entre os poderosos da mente. “Todos os protagonistas ainda estão vivos”, percebemos. A referência é a Sir Isaac Newton e a Gottfried Wilhelm von Leibniz.

É em torno da contenda entre os dois cientistas que a peça, com mais de duas horas de representação, decorre. Quem terá sido, afinal, pioneiro na descoberta do Cálculo Experimental? A epistemologia, enquanto teoria do conhecimento, reconhece a ocorrência de descobertas simultâneas, com prioridades nem sempre lineares.

Em “Cálculo”, não há qualquer linearidade. Não é a cálculos infinitesimais, nem a métodos científicos inteligíveis que se recorre. São jogos de manipulação e de calculismo que permitem evidenciar “uma questão moral eticamente reprovável”, presente nas oito cenas da peça, explica o encenador. Na verdade, “a questão essencial, é mais ética, mais moral e mais comportamental do que científica”, complementa Mário Montenegro.

No conjunto das demonstrações de cálculo(s) de interesse(s), em que participam sete personagens, o clímax da história manifesta-se na reunião da Royal Society – a Real Sociedade de Londres para o Progresso do Conhecimento da Natureza -, presidida por Isaac Newton. É o momento em que os onze membros discutem a aprovação do relatório, arquitectado por Newton, para selar a descoberta do Cálculo Experimental como sendo da sua autoria. A interacção com o público é um dos traços da encenação da marionet, espelhada na oportunidade concedida a sete espectadores de se assumirem como altas figuras daquela sociedade. “É um ponto marcante do espectáculo: o público participa directamente na própria reunião”, observa o actor Filipe Eusébio. Quem assiste pactua com o esquema.

Esta proximidade é permitida também pela arquitectura da sala, que convida a um ambiente intimista e a que se quebre qualquer cisão entre actores e espectadores. A indicação constantemente feita de que há mudança de cena – e de acto -, através de sucessivas didascálicas, é o exemplo disso, para além de situar o espectador no decurso do texto. Esta opção leva a que “não [se] embarque em fantasia; assiste-se a algo que é construído” à nossa frente, aponta Filipe Eusébio. “Os espectadores fazem sempre parte de um espectáculo, senão tratar-se-ia de uma leitura de texto”, complementa. Uma cumplicidade entre as partes que surgiu também com o propósito de sublinhar o formato do teatro tradicional, acrescenta Mário Montenegro.

Na equação entre ciência e teatro houve espaço para colocar a sonoridade como outra das variáveis. A música e a interpretação estão a cargo do violonista e compositor José Valente. Estabelecem a identificação com os momentos em que são reveladas informações fulcrais, que permitem perceber o desencadear da trama. Essa identificação surge com a intensificação do Pizzicato – uma técnica musical caracterizada pelo dedilhar das cordas, alternando dois ou três dedos. A convivência, por via da música, faz com que “o público seja encaminhado para um determinado estado de espírito”, considera José Valente.

Em “Cálculo”, quis respeitar-se a voz do autor – Carl Djerassi – e, por isso, é a primeira vez que a companhia utiliza um texto teatral. Normalmente cria os seus próprios guiões. O cunho da marionet foi dado pelo acrescento do prólogo e do epílogo, que revelam fontes de informação comprovadas pela História, fruto de uma abundante investigação. A escolha de Carl Djerassi, químico e dramaturgo, residiu na forma como o próprio analisa e “transporta a ciência e o teatro para as pessoas”, confessa Mário Montenegro. Agora em doutoramento, foi no âmbito do mestrado em Estudos Artísticos, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que Mário Montenegro estudou e traduziu a obra do químico e cientista. Ficou “latente pegar nele mais tarde e chegou agora a oportunidade”, explica.

Mais do que o conflito entre Leibniz e Newton que durou trinta anos, “Cálculo” cruza a comédia com o drama, a ciência com o teatro e a música, o espectador com o enredo. No fundo, o “inimigo central, o que manipula, é representado sempre de maneiras diferentes, num jeito de desmistificação do mal do inimigo, o que potencia quem compactua com ele”, descreve Gil Mac. São múltiplas intersecções vislumbradas num espectáculo que analisa “as pessoas, os seres humanos e as suas reacções, em relação aos diferentes acontecimentos que ocorrem no tempo da peça”, classifica Filipe Eusébio.

O custo de entrada no espectáculo é de dez euros para o público geral e de seis euros para estudantes e profissionais das artes e ciências.

